



13

A obra de arte na era da mídia móvel

The artwork in the age of mobile media

Icaro Ferraz Vidal Junior¹

RESENHA

BAMBOZZI, Lucas; BASTOS, Marcus; MINELLI, Rodrigo (orgs.). **Mediações, tecnologia e espaço público**: panorama crítico da arte em mídias móveis. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010.

RESUMO “Mediações, tecnologia e espaço público”, coletânea de textos organizada por Lucas Bambozzi, Marcus Bastos e Rodrigo Minelli, apresenta um panorama crítico da arte em mídias móveis. Nesta resenha, propomos dois níveis de aproximação à obra: um metodológico, para pensar a viabilidade da idéia de um “panorama crítico”, à luz do método de Walter Benjamin; e um segundo, ligado às tensões que atravessam o livro (mobilidade e controle, arte e vigilância, espaço virtual e espaço atual).

PALAVRAS-CHAVE mídia móvel; arte; espaço urbano

ABSTRACT “Mediações, tecnologia e espaço público”, collection of texts edited by Lucas Bambozzi, Marcus Bastos and Rodrigo Minelli, presents a critical overview of art in mobile media. This review proposes two ways to approach the book: the first one is methodological and was developed in order to produce an understanding about the feasibility of a “critical panorama”, inspired by Walter Benjamin’s method; the second one is related to the tensions that permeate the book (mobility and control, art and surveillance, virtual and actual spaces).

KEYWORDS mobile media; art; urban space



¹ Doutorando em Teoria da Literatura e Literatura Comparada na Universidade de Santiago de Compostela e em Comunicação na Universidade Federal do Rio de Janeiro, mestre em Comunicação pela UFRJ e em “Crossways in European Humanities” pelas Universidade Nova de Lisboa, Universidade de Santiago de Compostela e University of Sheffield e graduado em Estudos de Mídia pela Universidade Federal Fluminense.



Introdução

Walter Benjamin, no clássico *A obra de arte na época da sua possibilidade de reprodução técnica*, escreveu que “por volta de 1900, a reprodução técnica tinha alcançado um nível em que não só começou a transformar em seu objeto a totalidade das obras de arte do passado e a submeter sua repercussão às mais profundas transformações, como conquistou um lugar próprio entre os modos de produção artística” (Benjamin, 2006, p. 209). Hoje, podemos pensar as tecnologias móveis a partir do mesmo gesto de Benjamin com respeito às tecnologias de reprodução. Aliás, esta parece ser a suspeita que se encontra na base de ***Mediações, tecnologia e espaço público: panorama crítico da arte em mídias móveis***, coletânea que conta com textos de Patrick Lichty, Drew Hemment, Fábio Duarte e Polise de Marchi, Lucas Bambozzi, Priscila Arantes, Giselle Beiguelman, Armin Medosch, Preemptive Media, Trevor Paglen, Ryan Griffis, André Lemos, Jonah Brucker-Cohen, Ricardo Dominguez e Brett Staulbam, Blast Theory, Mark Shepard, e posfácio de Jorge La Ferla.

Apresentar uma síntese das idéias consignadas neste “panorama crítico da arte em mídias móveis”, organizado por Lucas Bambozzi, Marcus Bastos e Rodrigo Minelli, não é tarefa fácil. A dificuldade de tal empreendimento, entretanto, não se vincula à ausência de um projeto editorial, de uma hipótese que alinhava o conjunto de quinze textos, em sua maioria de caráter ensaístico, que integram o volume. Trata-se, antes, de uma dificuldade que deriva de uma obra inscrita fora da dialética, segundo a qual a síntese seria o desenvolvimento lógico da apresentação de uma tese e de uma antítese. A construção polifônica do livro, que se debruça sobre o terreno complexo das relações entre mídias móveis, arte e espaço público, está assegurada pela seleção de textos

que iluminam diversas faces da questão formulada, sem que sua totalidade jamais seja instantânea e imediatamente vislumbrada.

Para os fins desta resenha, não propomos esgotar as temáticas problematizadas nos quinze textos que integram ***Mediações, tecnologia e espaço público***. Em vez disso, iremos nos deter na metodologia que viabiliza a proposta de um panorama crítico, e que parece inserir o livro em uma rica tradição do pensamento que se debruçou criticamente, na modernidade, sobre as repercussões estéticas e políticas dos desenvolvimentos da técnica. Além disso, indicaremos parcialmente algumas tensões que atravessam a obra como um todo. Tais tensões, na pluralidade de abordagens e formulações que as modulam no curso da coletânea, se mantêm abertas; o que, diante da contemporaneidade do fenômeno abordado, vem indicar o compromisso dos organizadores e dos autores com o escorregadio terreno, também em aberto, das relações atuais entre tecnologia, mídia, estética e política.

O método

Aqui, Walter Benjamin parece fornecer mais uma vez uma interessante chave para a entrada na coletânea. As querelas metodológicas entre Benjamin e Theodor Adorno nos legaram uma rica problematização do gesto crítico, que aqui retomaremos brevemente à luz da recuperação, por Giorgio Agamben (2008), da correspondência trocada entre os pensadores de Frankfurt. O filósofo italiano entende as críticas de Adorno aos escritos de Benjamin sobre a poesia de Charles Baudelaire como fundamentadas em uma interpretação do pensamento marxista bastante específica no que diz respeito às relações entre estrutura e superestrutura. A ausência de mediação no trabalho de Benjamin, identificada por Adorno, é explicada por Agamben nos seguintes termos: o pensamento



benjaminiano não coloca em relação causal traços isolados da superestrutura com o que seriam traços correspondentes na estrutura. O que domina, no trabalho de Benjamin é, antes, uma tendência à identificação de contiguidades entre a obra de Baudelaire e a história de seu tempo.

Agamben identifica, na concepção hegeliana de mediação, o alicerce das críticas de Adorno que, em nome de um “processo global”, se esquivava da práxis e dos instantes concretos. Além disso, o regime de causalidade inerente ao método adorniano é solidário da metafísica ocidental, pois pressupõe uma cisão da realidade entre dois níveis: o do agente causador e o dos efeitos. Agamben avança no solapamento das bases da crítica de Adorno retomando argumentos do próprio Marx:

Se o homem se descobre “humano” na práxis, isto não ocorre porque, além de realizar em primeiro lugar uma atividade produtiva, ele transpõe esta atividade produtiva e a desenvolve em uma superestrutura e, deste modo, pensa, escreve poesias etc.; se o homem é humano, se ele é um *Gattungswesen*, um ser cuja essência é o genérico, a sua humanidade ou o seu ser genérico devem estar integralmente presentes no modo como ele produz a sua vida material, a saber, na práxis. Marx abole a distinção metafísica entre animal e ratio, entre natureza e cultura, entre matéria e forma para afirmar que, na práxis, a animalidade é humanidade, a natureza é cultura, a matéria é a forma. Sendo assim, a relação entre estrutura e superestrutura não pode ser nem de determinação causal nem de mediação dialética, mas de identidade imediata. (Agamben, 2008, p. 140-141)

A asserção retomada por Agamben para encerrar seu ensaio - “a estrutura é a superestrutura” -

permite, sem dúvida, um avanço filosófico no sentido de uma ultrapassagem do causalismo determinista e, no caso da leitura de ***Mediações, tecnologia e espaço público***, assimilamos esta asserção como fundamental para o entendimento da construção de um “panorama crítico”, procedimento que encerra um paradoxo se o horizonte crítico adotado como ponto de partida é o ortodoxo.

O panorama designa uma visão abrangente que é, a um só tempo, superficial e extensa, e atua tensionado com uma visão da crítica entendida nos termos que comparecem nas cartas de Adorno a Benjamin, nomeadamente com uma perspectiva crítica verticalizada, que adota a separação entre infraestrutura e superestrutura, e se debruça sobre esta última buscando o que lhe dá sustentação em um nível mais profundo. Como no Baudelaire de Benjamin, o método que orienta a escrita da coletânea -- aliás, Jorge La Ferla indica, no posfácio ao livro, que se trata mais de uma escritura do que de uma compilação -- assegura seu caráter crítico, ao apontar para algumas contradições contíguas na arte, na política e nas mídias móveis, que a obra mantém em suspensão, deixando em aberto as múltiplas possibilidades de saturação do sistema proposto.

As tensões em suspensão

As primeiras páginas de ***Mediações, tecnologia e espaço público*** são dedicadas ao traçado de uma cronologia. Essa linha do tempo não tem a finalidade de esgotar processos complexos em um conjunto cristalizado de eventos, e é proposta como um “retrato incompleto de uma história que começa no final do século XIX, com o surgimento de inventos que vão estabelecer as bases da telefonia, e desdobra-se no início do milênio com o surgimento de interfaces cada vez mais aderentes ao mundo físico” (Bambozzi et alli., 2010, p. 8). Esta



história também alimenta os textos que compõem a publicação que Jorge La Ferla, no já aludido posfácio, define nos seguintes termos: “a desilusão diante das promessas não cumpridas das novas tecnologias supera, nesta publicação, o discurso banal do novo, para propor um panorama de análise crítica transcendente sobre o impacto ideológico e formal profundo das novas tecnologias de comunicação na arte e na cultura” (La Ferla, 2010, p. 217).

Podemos dizer, nesta direção, que as tensões que estruturam o livro -- entre mobilidade e controle, entre as apropriações dos dispositivos móveis pela arte e seu uso em práticas públicas e privadas de vigilância, entre espaço virtual e espaço atual etc. -- são desenvolvidas mas não são esgotadas ao longo dos quinze textos. Estes foram organizados em três partes: 1) Cultura digital: contexto e emergência das mídias móveis; 2) Mídias locativas: desdobramentos sociais e políticos; 3) Estudos de caso: redes em espaços urbanos. Tal estruturação, aliada à cronologia que abre o livro, confere efetivamente à obra essa espécie de *extemporaneidade* diagnosticada por La Ferla, pois o volume realiza, com sucesso, a árdua tarefa de abordar algumas das diversas faces das últimas inflexões das relações entre arte e tecnologias móveis. Isso sem cair em uma celebração ingênua dos novos meios, que ignoraria a história na qual tais dispositivos emergem (cronologia e parte 1); nem em uma demonização de tais mídias, que fantasiaria um futuro distópico e negligenciaria os *contra-usos* que tomam corpo tanto nas práticas artísticas como nas cotidianas (partes 2 e 3).

Algumas das tensões que estruturam o livro merecem ser especialmente destacadas, por indicarem a complexidade do panorama apresentado e a riqueza das análises propostas. As tensões entre mobilidade e controle comparecem, por exemplo, no texto de Patrick Lichty, que evoca a descrição

realizada por Paul Virilio da paralisia do indivíduo em rede. Para Virilio, tal como o paraplégico auxiliado por dispositivos tecnológicos, o indivíduo em rede viaja através de redes de comunicação e informação, mas ambos são sujeitos de uma paralisia física. O gesto de Lichty consiste em pleitear a permanência de tal paralisia no “sujeito móvel”, pois “onde quer que o indivíduo móvel se encontre, ele estará sempre no mesmo lugar, localizável por seu número de telefone celular e por sua conta de e-mail”. Segundo o autor, “essa é a liberdade e a opressão da cultura móvel, a disponibilidade 24 horas por dia, sete dias por semana, 365 dias por ano ali mesmo, no telefone ou endereço IP” (Lichty, 2010, p. 42).

Há ainda outra tensão que merece menção e que aqui retomaremos no desenvolvimento pouco usual que lhe dá Drew Hemment. Trata-se do uso dos dispositivos móveis como tecnologias de vigilância e de suas apropriações por artistas. De acordo com Hemment, “frequentemente, parte-se do pressuposto (...) de que o ato de apropriação é suficiente – em outras palavras, que pegar as tecnologias desenvolvidas pelos militares e fazer alguma coisa diferente ou criativa com elas é, por si só, subversivo” (Hement, 2010, p. 47). A esta constatação, o pesquisador, artista e curador, lança algumas adversativas: em primeiro lugar, reconhece o risco de disseminação, pelos usuários mais qualificados, de algo que era mais suscetível a objeções nas primeiras utilizações do dispositivo; em segundo lugar, identifica a contribuição, no caso dos projetos que utilizam mídias locativas, para um progressivo mapeamento do mundo. O problema levantado por Hemment diz respeito ao caráter ambíguo das mídias móveis, uma vez que “se você é muito direto em suas críticas, as pessoas vão ignorá-lo, porque elas são capazes de perceber o lado positivo da questão”. Por outro lado, “se você foca apenas no lado positivo (ao desenvolver



tecnologia, fazer arte, ou criar ações sociais), está se expondo ao risco de que seu projeto tenha consequências involuntárias que você vai detestar” (Hement, 2010, p. 48-49). A arte em mídias móveis teria sua importância vinculada à capacidade de assegurar essa ambiguidade, procurando escapar às formulações simplistas.

Outra tensão que é mantida em suspensão ao longo de **Mediações, tecnologia e espaço público** diz respeito àquela entre o espaço atual da cidade e o espaço virtual das redes. Esse nó, que está inscrito no título da coletânea, assume diferentes roupagens conceituais. Fábio Duarte e Polise de Marchi, por exemplo, propõem três categorias de análise que articulam as transformações do espaço urbano ligadas às inovações tecnológicas. Em primeiro lugar, fantasmagorias urbanas (imaginários da cidade à luz de tecnologias emergentes, por exemplo: *Metrópolis*, de Fritz Lang); em segundo lugar, cidade vitrine (as imagens tecnológicas refletem e se tornam parte do cenário urbano, ex.: vitrines iluminadas, letreiros de neon); e, por último, cidade infiltrada (quando as inovações tecnológicas penetram na materialidade da cidade e se tornam invisíveis, mas têm a potência de transformar, por exemplo: as alterações na temporalidade e nas relações socioeconômicas e culturais propiciadas pela eletricidade e pelas redes sem fio). Já Lucas Bambozzi retoma o conceito de *site-specific* para (re)pensá-lo a partir da exterioridade da obra de arte em um entorno que engloba o espaço público. A reformulação do conceito de *site-specific* levando em consideração novos vetores, como as mídias locativas, “configura o ‘site’ como um espaço de possibilidades não materiais, mas que apontam para espaços efetivos” (Bambozzi: 2010, p. 70).

Conclusão

A terceira parte do livro, dedicada aos estudos de

caso, apresenta os projetos *Transborder Immigrant Tool*, *Citywide* e *Tactical Sound Garden*. A título de conclusão, podemos dizer que tais projetos emblemizam a natureza falaciosa de qualquer tentativa de estabelecimento de fronteiras rígidas, na era da mídia móvel, entre o que seria um espaço “real”, por um lado; e um “virtual”, por outro. O *Tactical Sound Garden* é

uma plataforma de software livre para o cultivo de jardins sonoros em cidades contemporâneas (...) permite a qualquer pessoa que viva em *hot zones* com conexão sem fio 802.11 (*Wi-Fi*) instalar um jardim sonoro para uso público. Utilizando um aparelho móvel com *Wi-Fi* ativo (PDA, *laptop*, telefone celular) os participantes plantam sons dentro de um ambiente de áudio posicional. Essas plantações são mapeadas de acordo com as coordenadas de sua localização física por um mecanismo de áudio 3D comum a jogos de computador – sobrepondo uma paisagem sonora construída publicamente a um espaço urbano específico. Com fones de ouvido conectados a um aparelho *Wi-Fi* ativo, os participantes flutuam por jardins sonoros virtuais plantados por outros, conforme se movem pela cidade (Shepard, 2010, p. 203).

Esse projeto, assim como o *Citywide*, propicia outras formas de ocupação da cidade, que se dão na conexão e sobreposição com o “mundo virtual”, através de dispositivos móveis e locativos, e não em oposição ou *apesar deles*. O projeto *Citywide*, do grupo de artistas inglês Blast Theory, explora “o potencial das tecnologias móveis de realidade mista para criar performances que atravessam a cidade”, de modo a propiciar aos participantes que se encontram na rua a experiência de eventos que têm lugar em um mundo virtual que é paralelo, mas



que se sobrepõe ao espaço da cidade de múltiplas formas; e, na direção inversa, pretende propiciar aos participantes on-line a experiência de eventos que estão tendo lugar, em tempo real, no espaço da rua.

Já o *Transborder Immigrant Tool* consiste em um projeto de arte em mídias móveis cujas repercussões nos modos de ocupação do território “real” é emblemática das relações ambíguas entre arte, política, tecnologia e espaço público. *Transborder* parte das obstruções de ordem física que configuram a fronteira México/Estados Unidos e que são responsáveis por um elevado número de mortes de imigrantes mexicanos a caminho dos Estados Unidos, e propõe o mapeamento com GPS dessa região e o desenvolvimento de ferramentas de imigração transfronteira a serem instaladas e distribuídas em celulares Nextel modificados. A geografia virtual consignada na ferramenta para imigrantes transfronteira não se insere apenas no contexto contemporâneo de um imperativo pelo mapeamento total. Tal ferramenta conta também com um algoritmo inteligente que indica, em dia e horário precisos, as rotas mais seguras para a travessia desse território (natural e politicamente) hostil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. *Infância e história: destruição da experiência e origem da história*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

BAMBOZZI, Lucas. “Aproximações arriscadas entre site-specific e artes locativas” In: BAMBOZZI, Lucas; BASTOS, Marcus; MINELLI, Rodrigo (Orgs.). *Mediações, tecnologia e espaço público: panorama crítico da arte em mídias móveis*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010. p. 65-74.

BAMBOZZI, Lucas; BASTOS, Marcus; MINELLI, Rodrigo (Orgs.). *Mediações, tecnologia e espaço público: panorama crítico da arte em mídias móveis*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010.

BENJAMIN, Walter. *A modernidade*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2006.

HEMMENT, Drew. “Apontamentos sobre as mídias locativas” In: BAMBOZZI, Lucas; BASTOS, Marcus; MINELLI, Rodrigo (Orgs.). *Mediações, tecnologia e espaço público: panorama crítico da arte em mídias móveis*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010. p. 45-50.

LA FERLA, Jorge. “Posfácio: Um panorama crítico das mídias locativas” In: BAMBOZZI, Lucas; BASTOS, Marcus; MINELLI, Rodrigo (Orgs.). *Mediações, tecnologia e espaço público: panorama crítico da arte em mídias móveis*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010. p. 215-217.

LICHTY, Patrick. “Pensando a cultura nômade: artes móveis e sociedade” In: BAMBOZZI, Lucas; BASTOS, Marcus; MINELLI, Rodrigo (Orgs.). *Mediações, tecnologia e espaço público: panorama crítico da arte em mídias móveis*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010. p. 35-43.

SHEPARD, Mark. “Kit de ferramentas para um Jardim Sonoro Tático [TSG, Tactical Sound Garden]” In: BAMBOZZI, Lucas; BASTOS, Marcus; MINELLI, Rodrigo (Orgs.). *Mediações, tecnologia e espaço público: panorama crítico da arte em mídias móveis*. São Paulo: Conrad Editora do Brasil, 2010. p. 203-211.

A obra de arte na era da mídia móvel
Icaro Ferraz Vidal Junior

Data do Envio: 16 de setembro de 2011.
Data do aceite: 15 de novembro de 2011.

